

Índice

Introdução — Do Mistério da Criação às Artes do Sentido	9
1. Narciso e Eco: Uma Nota sobre as Atuais Artes da Leitura	19
2. Uma Leitura bem Feita	39
3. “A Tragédia”, Reconsiderada	57
4. A Longa Vida da Metáfora: Uma Abordagem da <i>Shoah</i>	79
5. O Crepúsculo das Humanidades?	101
6. Quatro Poetas: A Arte de Fernando Pessoa	125
Posfácio — Os Trabalhos de Hércules: George Steiner, o Guardador da Casa da Nostalgia	135
Nota sobre a Proveniência dos Textos	139
Nota de Agradecimento	141

1.

Narciso e Eco: Uma Nota sobre as Atuais Artes da Leitura

Qual será o motivo para a atual ênfase nas “teorias da compreensão”, na epistemologia e nas técnicas da hermenêutica? O que dirão os futuros historiadores da sensibilidade sobre o tom veementemente teórico dos estudos literários de hoje?

Somos, inquestionavelmente, os herdeiros da “profissionalização” e da ingestão acadêmicas dos estudos das letras modernas nos seus primórdios (nos seus moldes modernos) durante a última metade do século XIX. Em tal incorporação, há uma lógica inercial. Haverá um movimento inevitável da historicidade inaugural e valoração intuitiva — as convencionais “histórias das literaturas nacionais”, as canônicas “biografias autorais”, a instauração de um programa de excelência previamente examinada — para a “tecnicidade”, a investigação teórico-analítica de premissas epistemológicas e meios formais da disciplina. Assim, a codificação dos estudos literários no seio da fixação acadêmica do ensino e da investigação, agora aproximadamente com um século, estava destinada a gerar os vocabulários específicos, os “formalismos”, as análises “fundacionais” e as polémicas que enquadram a nossa presente situação. O Bizantismo sucede-se à Arcádia.

A entrada em vigor das *belles lettres*, do estudo das literaturas das línguas modernas (por oposição às “clássicas”) na universi-

dade, coincide temporariamente com a boa fortuna do “cientismo”, com o posicionamento prestigiante da investigação científica em moldes analíticos e positivistas. As reivindicações de seriedade e de rigor metodológico avançadas por Sainte-Beuve e por Taine, posteriormente institucionalizadas pela educação superior, são estreitamente análogas ao programa geral de uma “ciência do homem” numa veia positivista-científica do modo como Auguste Comte a instituiu. A génese do seminário e do sistema de exames aplicados ao estudo da poesia, do drama e, mais tarde, da ficção em prosa, nas universidades alemãs e francesas, é inseparável desta estreita e produtiva aliança entre a *Hochschule* novecentista enquanto tal e o triunfo das ciências puras e aplicadas. No modelo de Humboldt para a universidade secular, na exegese de Schleiermacher (embora de um modo idealizado), o paralelismo entre critérios científicos e critérios humanísticos torna-se ativo.

Este paralelismo beneficia de um poderoso ímpeto na viragem do século e, até então, de três correntes de argumentação. Na medida em que reivindica ser uma ciência aplicada da mente e uma descodificação metodologicamente verificável dos processos semânticos e simbólicos, a psicanálise apresenta uma leitura “científica” do texto literário. A segunda corrente é a fenomenologia. Numa atitude explicitamente cartesiana e científica, Husserl esforça-se por chegar a um constructo normativo, intransigentemente racional, do ato da percepção. A tendência da fenomenologia, antes de Heidegger, é, enfaticamente, no sentido do sujeito cognoscente. Veremos quão vital é este facto no que diz respeito às atuais condições das nossas leituras. O terceiro ímpeto no sentido das regras analíticas e formalistas da compreensão é, obviamente, a lógica. Depois de Saussure, Peirce e Frege, a própria conceção das relações entre linguagem e sentido, entre *signifiant* e *signifié*, entre estruturas formais de suposta *profundidade* e *universalidade* e a sua manifestação local nos atos performativos do discurso, sejam eles “comuns” ou “literários”, assumiram o novo desiderato da severidade. Implícitas estão novas pretensões a uma compreensão analítica dos sentidos do sentido.

Estes diversos movimentos fizeram valer no estudo didático-acadêmico das letras e na valoração do texto poético analítico (tanto no sentido lógico, como no sentido freudiano) elementos fenomenológicos e formalmente semânticos de positividade, de método científico. O formalismo russo e checo, os “protocolos” de análise do sentido e do valor, propostos pelo primeiro I. A. Richards, a anatomia do texto-objeto propugnada pela Nova Crítica e pela retórica semiótica de Kenneth Burke — cada um deles, e o que a seguir adveio, aponta para uma fonte dual no paradigma científico enquanto tal e na corporização deste paradigma na academia.

Mas o caráter teórico assumido pelos mandarins do atual clima crítico-interpretativo poderá igualmente sugerir uma circunstância mais ampla. Poderá envolver um fenómeno de periodicidade que é frequentemente visível, porém incipientemente compreendido.

A conceção da literatura como sendo essencialmente “textual” (*écriture*); o refinamento das escolas de exegese especializadas, muitas vezes mutuamente polémicas; a asserção mais ou menos confessada do comentário como estando existencialmente em pé de igualdade com o texto, se não mesmo antecedendo-lhe na ordem de precedência; o recrutamento ou aceitação do poeta e do crítico no seio do sistema escolástico: estes são os sinais de uma situação a que atribuímos os epítetos de “bizantina” ou “alexandrina”. Identificamos nestes traços um conjunto de atitudes e de práticas que parecem ter prevalecido não só nas culturas helénicas e nas tardias culturas imperiais da Antiguidade, mas também em determinados momentos, em períodos mais recentes da história ocidental, como os séculos XII e XIII, a era de Scaliger e dos neo-aristotélicos ou o fim do século XIX. Poderia parecer, pelo menos em certa medida, que o domínio do teórico, do formalmente metodológico, acompanha (nasce de?) uma concomitante fraqueza dos centros da invenção, do espírito criador da imaginação. O sono ou, melhor, a sonolência da literatura gera os monstros da desconstrução.

Não temos uma noção clara sobre o mecanismo cíclico ou os processos de entropia e de renovação, se é que estes existem, que